

TRABALHO SEXUAL: SOLIDARIEDADE, NÃO SALVAÇÃO

Uma trabalhadora sexual australiana cambaleante¹

tradução por *acervo trans-anarquista*

Está em curso um debate nos círculos anarquistas e feministas sobre a legitimidade do trabalho sexual e os direitos das trabalhadoras sexuais. As duas principais correntes de pensamento existentes são quase diametralmente opostas. De um lado, está a abordagem abolicionista liderada por feministas, como Melissa Farley, que defende que o trabalho sexual é uma forma de violência contra as mulheres. Farley afirmou que “se considerarmos a prostituição como violência contra as mulheres, não faz sentido legalizar ou desriminalizar a prostituição”. Em contrapartida, há as ativistas pelos direitos das trabalhadoras sexuais que veem o trabalho sexual como algo muito mais próximo do trabalho em geral do que se imagina, que acreditam que a melhor maneira de avançar para as trabalhadoras sexuais é lutar pelos direitos e pela aceitação social das trabalhadoras e, para essas ativistas, ouvir o que as trabalhadoras sexuais têm a dizer. Neste artigo, discutirei por que a abordagem abolicionista discrimina as trabalhadoras sexuais e se aproveita de sua condição de marginalização, enquanto o enfoque nos direitos oferece a oportunidade de marcar diferenças sólidas nos direitos trabalhistas e humanos das trabalhadoras sexuais.

Um exemplo dos tipos de argumentos apresentados pelos defensores do abolicionismo é o seguinte:

¹ Texto encontrado na zine *Bugambilia*, número 5. Traduzido desde a versão em espanhol. A tradução do original (em inglês) ao espanhol foi feita por Tía Akwa e está disponível em: <https://editorialiskra.wordpress.com/fanzine-bugambilia-colectiva-brotar/>

“O conceito da “escolha” das mulheres de vender sexo é construído de acordo com o pensamento neoliberal e de livre mercado; a mesma escola de pensamento que pretende que os trabalhadores tenham verdadeiras “opções” e controle sobre seu trabalho. Ele sugere que as mulheres escolhem vender sexo e que, portanto, devemos concentrar-nos em questões relacionadas à segurança das trabalhadoras sexuais, à capacidade de ganhar dinheiro e à perseguição por parte do estado. Embora a segurança e os direitos das mulheres sejam primordiais, o argumento a favor de bordéis regulamentados pelo estado e sindicalização é reformista na melhor das hipóteses, ingênuo e regressivo na pior. Mesmo a proposta de “bordéis coletivos” ignora a natureza de gênero da prostituição e sua função de apoiar a dominação masculina.

Uma resposta anarquista deveria exigir a erradicação de todas as práticas de exploração e não sugerir que elas podem ser tornadas mais seguras ou melhores.” (Retirado de um panfleto distribuído por abolicionistas na oficina de trabalho sexual na London Anarchist Bookfair de 2011).

Uma abordagem cambaleante [*wobbly*] exige a erradicação de todas as práticas de exploração, não apenas aquelas que beneficiam quem defende a mudança ou que são particularmente desagradáveis. Trabalhar sob o capitalismo é explorador, ou você é explorado ou vive da exploração dos outros; a maioria de nós faz as duas coisas. O sexo sob o capitalismo e o patriarcado é frequentemente mercantilizado e usado como meio de exploração. O trabalho e o sexo em si não são nenhuma dessas coisas. Lutar contra o trabalho sexual em vez de lutar contra o capitalismo e o patriarcado não enfrenta a exploração em sua totalidade. O foco na natureza de gênero do trabalho sexual não mudará a sociedade de gênero em que vivemos; em todo caso, isso reforça o mito de que a divisão de gêneros é uma parte natural da vida que deve ser resolvida. Isso também silencia os profissionais do sexo que não se encaixam nas noções de gênero da profissional do sexo feminina, um grupo que é convenientemente ignorado sempre que se contesta o discurso abolicionista no trabalho sexual.

Os abolicionistas acusaram qualquer abordagem que não fosse a deles como fundamentalmente reformista e, portanto, incompatível com os princípios do anarquismo. No entanto, tentar acabar com uma indústria porque o sistema patriarcal capitalista de nosso tempo se alimenta dela, em vez de lutar pela emancipação de todos os trabalhadores, não é em si reformista?

A antropóloga Laura Agustín argumenta que o movimento abolicionista ganhou força em um momento em que as teorias do assistencialismo estavam ganhando popularidade entre a classe média, que sentia o dever de melhorar a classe trabalhadora (sem abordar a legitimidade do sistema de classes como um todo). As mulheres da classe média, em particular, encontraram uma saída para sua própria opressão de gênero, posicionando-se como as “salvadoras benévolas” dos “oprimidos”, ganhando assim posições e reconhecimento na esfera pública predominantemente masculina que nunca antes poderiam ter alcançado.

Há mais do que alguns remanescentes da classe média, quase missionária, com o desejo de “salvar” incutindo sua própria perspectiva moral sobre os “oprimidos” no movimento abolicionista atual. Isso não só faz com que as pessoas se sintam como se estivessem salvando os mais necessitados, mas também não exige (na maioria dos casos) que elas questionem suas próprias ações e privilégios. A visão de alguém vestido com roupas fabricadas em oficinas clandestinas, com um iPhone, iPad e muitos outros dispositivos fabricados em condições terríveis, pedindo a abolição da indústria do sexo nunca deixa de me confundir. Deve ser uma das poucas indústrias que as pessoas estão pedindo para ser destruída devido aos piores elementos que ela contém. Eles podem reconhecer que o tratamento dispensado aos trabalhadores nas fábricas da Apple equivale à escravidão, e que os casos de violação e agressão sexual por parte dos fabricantes de vestuário em algumas fábricas equivalem à escravidão sexual, mas defendem que a abolição de qualquer uma das indústrias não é desejável, que o vestuário e a tecnologia produzidos em massa, ao contrário do sexo, são essenciais para

a nossa vida moderna. Essencial para quem, posso perguntar? Para os trabalhadores que fabricam esses produtos? Eles não utilizam os produtos que produzem em condições de escravidão, não se beneficiam de seu emprego mais do que uma profissional do sexo em seu país. Parece que a essencialidade de um produto é julgada através da lente do consumidor, não do trabalhador, apesar de isso ser algo que qualquer abolicionista acusa apenas os oponentes da abolição de fazer. Pedir a abolição do trabalho sexual continua sendo, em grande parte, uma forma de as pessoas assumirem um papel aparentemente desinteressado, sem ter que fazer o árduo trabalho de questionar seu próprio privilégio social. Esta é uma posição fundamentalmente assistencialista e reformista.

O sexo (ou a capacidade de praticá-lo, se assim o desejar) não é tão essencial para a vida, ou pelo menos para a felicidade e a saúde, quanto qualquer um dos itens acima? O sexo é uma parte importante da vida, uma parte da qual as pessoas devem ter a liberdade de desfrutar e participar, não uma parte considerada ruim, suja e vergonhosa. Não estou dizendo que alguém deve ser obrigado a fornecer sexo a outra pessoa a menos que queira, mas estou apontando que tentar justificar a abolição da indústria do sexo com o argumento de que o sexo não é essencial quando há tantas indústrias que produzem coisas das quais não precisamos é incrivelmente fraco. Além disso, mais uma vez, o foco está mais no consumidor do que no trabalhador. Em vez de nos concentrarmos no que a profissional do sexo pensa sobre seu trabalho, na importância que ele tem, em como ele a faz se sentir, somos levados a nos concentrar no fato de que o consumidor realmente não precisa dele. O trabalhador é reduzido a nada mais do que um objeto, um objeto que precisa ser salvo, quer ele queira ou não.

Será que nenhum trabalhador consegue apreciar aspectos do seu trabalho independentemente do capitalismo? Será que nenhuma mulher consegue apreciar o sexo independentemente do patriarcado? Se a resposta for sim, então por que é tão difícil acreditar que existem profissionais do sexo que escolhem e/ou apreciam o seu trabalho independentemente do

capitalismo e do patriarcado, e não por causa deles? Os abolicionistas me disseram que isso não é possível dentro da indústria do sexo, que qualquer trabalhador que gosta do seu trabalho, ou mesmo aqueles que não gostam, mas o veem como uma oportunidade melhor do que qualquer outra disponível para eles, só o faz por causa da misoginia internalizada. Que se elas se libertassem disso, adotando uma mentalidade abolicionista (qualquer outra postura é acusada de ser baseada na misoginia internalizada e, portanto, inválida), elas veriam a verdade. Isso soa muito parecido com um dogma religioso e, muitas vezes, é tratado com o mesmo fanatismo. A abordagem abolicionista se recusa a valorizar ou mesmo reconhecer a inteligência, a capacidade de ação, as experiências e o conhecimento das profissionais do sexo. Essa é a discriminação que se disfarça de feminismo. Se você quer igualdade para as mulheres, deve ouvir todas as mulheres, não apenas aquelas que dizem o que você quer ouvir.

Os abolicionistas parecem ver as profissionais do sexo que não concordam com eles como aquelas que foram excessivamente doutrinadas pelo patriarcado para defenderem a si mesmas, ou que essas profissionais do sexo específicas não são representativas das experiências da maioria das profissionais do sexo. Como anarquista, considero que todo trabalho sob o capitalismo é explorador, e que o trabalho sexual não é uma exceção. No entanto, não acredito que o trabalho que envolve sexo seja necessariamente mais explorador ou prejudicial do que outras formas de escravidão assalariada. Isso não quer dizer que não existam violações terríveis dos direitos dos trabalhadores na indústria do sexo; elas existem e são violações contra as quais quero lutar. (Ao reconhecer essas violações, não estou dizendo que não existam experiências maravilhosas entre os trabalhadores e também entre os trabalhadores e os clientes).

Se levarmos a sério o respeito e a defesa dos direitos das profissionais do sexo, então temos que avaliar quais métodos funcionam. Não vivemos em uma utopia anarquista em que ninguém é forçado a trabalhar em empregos que de outra forma não exerceriam para sobreviver, então não vejo sentido

em gastar energia debatendo se o trabalho sexual existiria em uma sociedade anarquista e como isso seria; pois isso acaba consumindo uma energia que poderia ser gasta defendendo os direitos das profissionais do sexo no aqui e agora.

Os abolicionistas frequentemente reclamam que os ativistas de direitos usam uma linguagem para legitimar a indústria, empreendendo termos como “cliente” em vez de “João” e “trabalhadora” em vez de “prostituta”. As trabalhadoras sexuais e os ativistas de direitos afastaram-se dos termos antigos, uma vez que estes têm sido frequentemente utilizados para enfraquecer e discriminhar os trabalhadores, enquanto que “cliente” e “trabalhadora sexual” são termos muito mais neutros em termos de valores. Os abolicionistas não são inocentes no uso da linguagem para promover sua agenda. Muitas vezes, o termo “prostituta” é usado para descrever as trabalhadoras sexuais. Isso posiciona a trabalhadora como uma vítima sem agência. Uma vez que você posiciona alguém como sem agência, fica mais fácil ignorar sua voz, acreditar que sabe o que é melhor para ela e que está fazendo, ou defendendo, por ela.

Outra acusação contra os ativistas dos direitos é que eles colocam os desejos do cliente acima das necessidades e da segurança do trabalhador, ou que tentam legitimar as relações sexuais comerciais (algo que os abolicionistas não consideram um serviço legítimo). Não considero que seja esse o caso: a maioria dos ativistas dos direitos são ou foram profissionais do sexo, ou têm laços estreitos com profissionais do sexo, e o seu foco principal são os direitos, as necessidades e a segurança das profissionais do sexo. Por exemplo, a Scarlet Alliance, a organização nacional de defesa das profissionais do sexo, é composta por profissionais do sexo atuais e antigas. Pessoas que teriam interesse na exploração do trabalho, como empregadores, não são elegíveis para se associar.

O fato de não colocarem ênfase em categorizar os clientes (a clientela é muito diversificada para ser rotulada de uma única forma) não significa que as necessidades e a segurança das profissionais do sexo não sejam

importantes. Na verdade, como elas são fundamentais para o movimento pelos direitos, o foco não está em emitir julgamentos morais sobre os clientes, mas na organização do trabalho e na defesa dos trabalhadores. Ignorar a grande quantidade de mudanças que os trabalhadores podem realizar ao se organizarem e se defenderem juntos em favor de moralizar as razões pelas quais a indústria existe e se ela é um serviço essencial é sacrificar os direitos e o bem-estar dos trabalhadores por benefícios teóricos.

No final das contas, o abolicionista está usando seu poder e privilégio social para tirar proveito da posição marginalizada das profissionais do sexo, algo de que acusam seus clientes. A diferença é que eles não buscam gratificação sexual, mas moral. A abordagem abolicionista não ajuda as profissionais do sexo nem as empodera. Em vez disso, essa abordagem lhes atribui um papel e as penaliza se se recusarem a desempenhá-lo. A defesa dos direitos das profissionais do sexo funciona da mesma forma como todos os movimentos pelos direitos das trabalhadoras e contra a discriminação têm atuado, por meio do empoderamento, do apoio e da solidariedade.

Não existe um plano anticapitalista sobre a melhor forma de erradicar a exploração, mas sim várias escolas de pensamento, muitas vezes internas, sobre como alcançar uma sociedade livre. Acredito que, quando se trata de erradicar a exploração no local de trabalho, o sindicalismo é a abordagem que melhor se adapta à luta que temos em mãos. Quando o local de trabalho é um bordel, clube de strip-tease, esquina, quarto de motel, etc., os fundamentos da luta não são diferentes dos de outros escravos assalariados. As trabalhadoras sexuais devem poder se sindicalizar; ainda não existe um sindicato de trabalhadoras sexuais.

Embora eu adore a ideia de haver um sindicato de profissionais do sexo, também acredito que a crença de que todas as trabalhadoras são iguais, que todas somos escravas assalariadas, que estamos todas juntas nessa luta e que os patrões são os inimigos, torna o Industrial Workers of the World [Trabalhadores Industriais do Mundo] um sindicato ideal para os trabalhadores marginalizados que caem nas brechas dos sindicatos

existentes. Dito isso, ele é realmente o sindicato ideal para todos os trabalhadores. Ações como se filiar ao Industrial Workers of the World e usar a força de um sindicato, em vez de uma única voz, para defender mudanças são uma forma pela qual as profissionais do sexo podem travar sua batalha. A outra é se filiar à Scarlet Alliance, a maior organização nacional de profissionais do sexo na Austrália. Assim como a Industrial Workers of the World, os empregadores não podem se filiar, o que significa que os interesses da Scarlet Alliance são exclusivamente os interesses dos trabalhadores, não os dos empregadores ou abolicionistas. São ações como essa, ações que empoderam as profissionais do sexo, de que precisamos para combater a discriminação e a marginalização existentes.

Se os ativistas realmente levam a sério os direitos das profissionais do sexo, eles nos ouvirão mesmo que o que temos a dizer seja difícil de ouvir e nos apoiarão mesmo que não gostem do que fazemos. Somente quando todos os trabalhadores se unirem, nós teremos o poder de lutar contra o capitalismo e os patrões. Não pedimos salvação, mas solidariedade.